Antes

Ele não consegue ver.

Tenta abrir os olhos, mas algo lhos mantém cerrados contra o crânio. Tateia o rosto com dedos lentos, desajeitados. Uma venda? Uma ligadura? Que se passa realmente...?

Puxa-a, primeiro com uma mão, depois, mais desesperadamente, com as duas. Mas não serve de nada. Está demasiado apertada.

A sua mente debate-se por respostas. Está a sonhar. De ressaca. Foi vítima de uma qualquer maldita brincadeira de bêbedos. Ideia de Luke, provavelmente.

A saliva inunda-lhe a boca quando se lembra de que não esteve com Luke na noite anterior. Na verdade, não saiu com ninguém, porque compareceu àquela consulta de manhã e depois...

E depois.

Merda.

Na escuridão silenciosa, só se ouve o pum-pum-pum do seu coração e um clarão latejante por trás das suas pálpebras. Abre as mãos para fora de cada um dos lados do seu corpo, para o espaço que não consegue ver. Está sentado numa cama. Uma cama de solteiro, estreita, com uma espécie de toalha ou cobertor áspero embrulhado em lençóis e... retrai-se ao tocar em metal frio e duro. Franzindo a testa, estende novamente os braços. Grades?

Aquela não é a sua cama.

— Está aí alguém? — grita. Arrepende-se de imediato, porque o medo que transparece na sua voz é inconfundível, assim como o eco de um quarto vazio. O ar é frio e cheira a — inspira, esforçando-se por encontrar a palavra — antisséptico?

Uma porta abre-se e ele volta-se para o som.

— *Está aí alguém? — desta vez mais esperançado.*

A porta fecha-se com um estalido.

Passos. Silenciosos, com uma batida ligeira no chão.

Os passos detêm-se.

Os olhos ardem-lhe, esforçando-se por ver por entre o que quer que os está a vendar.

— *Quem é você? Onde é que eu estou...*

Umhas mãos enluvadas agarram-lhe o antebraço esquerdo. Por um momento, ele fica demasiado chocado para se mexer. O medo invade-o e ele tenta soltar-se, mas a sua mão é apertada com a força de uma cobra pitão. Ele arqueja ao sentir a picada repentina e gelada nas veias. Dura dois, talvez três segundos, e depois o estranho solta-o, e ele capta o odor de algo ácido e químico.

Passa os dedos por cima do sítio onde lhe dói.

— *Onde é que eu estou? Quem é você?*

Olha para onde imagina que o estranho se encontra. Esta é a oportunidade de lhe darem uma explicação simples, o momento em que tudo irá fazer sentido e em que ele irá rir-se — ainda que um pouco inseguro — das suas fantasias paranoicas.

Mas não há quaisquer palavras, nem tranquilizadoras nem outras. O único som que se ouve é o rangido de sapatos de sola macia a pisarem o soalho sem alcatifa. Uma porta abre-se com um estalido.

— *Espere!*

A porta fecha-se. Um trinco é rodado.

Dá uma guinada na direção do som, mas o seu corpo está pesado e vagaroso, a ser puxado para baixo por uma qualquer força desconhecida. Estende a mão para a grade que rodeia a cama. Os seus dedos raspam no metal frio e liso, mas ele parece não os conseguir fazer cerrarem-se e agarrar. Ele literalmente não consegue apreender nada.

Tenta arrancar a venda que tem sobre os olhos, mas o seu braço — o seu braço insuportavelmente pesado — pende-lhe inutilmente ao lado do corpo. Deixa-se cair sobre as almofadas, encandeado pelo clarão e a mancha de cores que explodem por trás dos seus olhos.

Depois tudo se desvanece no escuro.

CAPÍTULO 1

Quartel-general da polícia de Leek Wootton, Warwickshire,
10 de junho, 9h30

A detetive superintendente-chefe Kat Frank firmou os seus novos sapatos de tacão alto na alcatifa velha enquanto caminhava em direção ao gabinete do chefe. Para o comandante-chefe McLeish, era indiferente de quem se tratava: se de um político sénior que levara vários meses a conseguir garantir uma entrevista na sua agenda ou de uma colega que passara um dia inteiro dentro de um comboio só para falar com ele — quando as pessoas se atrasavam, nem que fossem cinco minutos, já não eram recebidas. E Kat vinha com um enorme atraso de trinta e seis minutos.

— Vou reagendar, não é melhor? — murmurou a assistente pessoal dele.

Kat olhou para a porta firmemente encerrada. Alguns anos antes, teria respondido que sim e saído apressadamente enquanto os seus tímpanos ainda se mantinham intactos. Mas depois de tudo por que passara, um raspanete era a menor das suas preocupações. Ignorando o arquejo de consternação da assistente pessoal, Kat bateu com força à porta e entrou sem esperar.

O comandante-chefe McLeish estava sentado atrás da sua secretária, em frente de uma grande e luminosa janela, forçando todos os visitantes a pestanejar para se protegerem da luz do sol enquanto tentavam avaliar a sua expressão. Ele não se pôs de pé, não acenou nem falou. Mas não lhe disse para sair.

Kat suportou o silêncio impassível dele. Não havia necessidade de lhe falar da rapariga de cabelo azul que estava a pedir boleia e que tinha uma placa manuscrita que mais valia conter a inscrição «Matem-me». Apesar de ter uma reunião marcada, Kat tinha encostado à berma da estrada antes de qualquer pretensão homicida lhe poder fazer o favor, perguntando-se quem raio anda à boleia nestes tempos e época? (Aparentemente, raparigas de dezoito anos da Polónia que estão a regressar de um festival de música fazem-no, se um «tipo verdadeiramente fixe» lhe disser que se consegue «mesmo» arranjar um trabalho a colher fruta nas quintas do Warwickshire.) E agora, depois de levar a rapariga a uma quinta produtora de morangos que pagava miseravelmente, mas onde havia boas pessoas, ali estava ela, meia hora atrasada para a reunião à qual planeava chegar pelo menos meia hora antes.

Mas McLeish não estava interessado em desculpas. Ela também sabia que ele utilizava o silêncio como uma arma — poucos conseguiam resistir a apressar-se a preenchê-lo, fornecendo-lhe uma vantagem que era difícil, se não impossível, de recuperar —, por isso Kat olhou-o fixamente enquanto estudava o homem que não via há mais de um ano.

McLeish tinha sido o seu segundo chefe, o seu primeiro mentor e — gostava ela de acreditar — era um dos seus amigos mais antigos. Mesmo quando lhe dava uma reprimenda, era só porque considerava que Kat poderia aprender com ela — e era o que acontecia. Kat cometera muitos erros nos primeiros tempos, mas nunca o mesmo erro duas vezes. Os colegas invejavam a forma como ela o conseguia «ler», como se ele fosse um jogo de palavras-cruzadas particularmente críptico. Mas, para Kat, era tudo bastante simples. Quando ele estava irritado, o seu rosto tornava-se roxo. Quando estava satisfeito, dizia algumas palavras rudes que conseguiam animá-la durante vários dias. Mas quando ele se mantinha em silêncio, era uma incógnita, e dependia de nós.

— Como estão as miúdas? — arriscou ela perguntar por fim.

O rosto dele suavizou-se.

— A arrasar. Sinceramente, há trinta anos, empurrávamos os rapazes para a rua, dávamos-lhes o lanche e obrigávamo-los a deitarem-se. Mas hoje as nossas meninas pequeninas não estão autorizadas a

sair, a não ser quando têm um raio de um «encontro para brincar». E estão à espera de que eu lhes leia uma história antes de dormirem, todas as noites, acreditas nisto?

— São umas chatinhas atrevidas — retorquiu Kat, a sorrir. Pouco antes do seu sexagésimo aniversário, McLeish surpreendera todos ao voltar a casar-se e constituir uma segunda família. E porque não? Bastava olhar para ele. Estava feliz.

— Sim, pelo menos já sei que não vale a pena estar à espera de que as coisas melhorem quando elas forem mais velhas — levantou-se de trás da secretária e dirigiu-se para o sofá de couro preto ao canto do seu gabinete, fazendo-lhe sinal para que o seguisse.

Kat deixou-se cair numa das poltronas, lutando contra o ridículo e crescente prazer que sentia pelo perdão silencioso dele. Sinceramente, tinha quarenta e cinco malditos anos, não era nenhuma garota do liceu.

— Como está o Cam? — perguntou ele. — Não ia fazer os exames finais de acesso ao ensino superior este ano?

— Sim, estamos à espera dos resultados. E foi por isso que pedi para falar consigo.

— Estás aborrecida e queres voltar.

Não era uma pergunta. Ele conhecia-a demasiado bem. Ela assentiu, mas antes de poder continuar, McLeish franziu a testa.

— Tens a certeza de que estás preparada, Kat? Ainda só passaram seis meses desde que...

— Tenho a certeza. A princípio, o Cam precisou de muito apoio. Mas ele agora está bem. Já deixou de tomar os medicamentos, a terapeuta deu-lhe alta e ele está à espera de ir para a universidade em setembro.

— Eu não te perguntei pelo Cam. Perguntei por ti.

— Eu estou bem — respondeu Kat, corando. — Ou, pelo menos, vou estar, quando voltar ao trabalho.

— Compreendo.

É claro que compreendia. Sempre o fizera.

— Então, que procuras? — o sofá de couro emitiu um leve silvo, quando McLeish se recostou nele.

— Antes de eu fazer uma pausa na minha carreira, disse-me que eu devia pensar em me candidatar a cargos de nível executivo, chefe de departamento, talvez, ou até a subcomandante.